

POÉTICA E REALIDADE EM RUY DUARTE DE CARVALHO

Elisalva Madruga DANTAS
UFPB

Resumo: Reconhecido pelos críticos como um dos expoentes da poesia angolana dos anos 70, o poeta Ruy Duarte de Carvalho, por sua preocupação com o resgate da tradição cultural africana, pode também ser, sem dúvida, apontando como um dos guardiões da tradição.

Tomando por base as preocupações estéticas e antropológicas que norteiam o seu fazer literários, por ele mesmo explicitadas em diversos textos introdutórios constantes dos seus livros de poesia, o trabalho proposto tem como objetivo verificar, a partir da análise dos poemas inseridos em Ondula, Savana, Branca e Hábito da Terra, livros publicados, respectivamente, em 1982 e 1988, com o autor operacionaliza, nestes textos, portanto, de modo implícito, a relação Poética/Realidade.

Palavras-chave: *poética, realidade e estética.*

Resumo

Pertencente à geração poética angolana dos anos 70, Ruy Duarte de Carvalho se insere no quadro daqueles poetas empenhados, como bem o afirma Helena Riaúzova, na “renovação do conteúdo e dos meios de recriação artística da vida, que é também a exigência do seu tempo”.¹

Diferentemente, porém, de seus contemporâneos, cuja produção poética, em sua maioria, se encontra mais centrada na realidade do mundo urbano, Ruy Duarte decide transitar poeticamente pelos espaços áridos do sudoeste angolano, indo buscar, nesse universo habitado por pastores nômades, universo

¹ RIAÚZOVA, Helena. *Dez anos de Literatura Angolana*. Angola: União dos Escritores Angolanos, 1986, p.14.

avesso às interferências da civilização ocidental, norteadado ainda pelos valores da cultura tradicional oral e mítica, material para sua construção poética. Construção engenhosamente planejada, para a qual convergem não apenas o esmero do poeta-arquiteto, atento à colocação da palavra no texto, ao seu assentamento em relação às demais, ao efeito estético do seu enquadramento, ao seu funcionamento expressivo, mas também a acuidade do cineasta, do criador de imagens, do *expert* na focalização dos espaços, na seleção dos ângulos de maior efeito e, ainda, o conhecimento científico e empírico do antropólogo pesquisador e do ex-regente agrícola das regiões semidesérticas da orla do Namibe que, como observa Jorge Macedo “viveu nas anharas, bebeu as falas dos ventos, as mensagens da seca, a postura dos gados e dos homens cujo critério de ser e de haver é o gado que, morrendo, mata neles o sentido da existência”.²

É, portanto, desse mundo que nos fala o poeta em *Ondula, Savana Branca* e *Hábito da Terra*, livros sobre os quais nos propusemos verificar como operacionaliza Ruy Duarte de Carvalho a transmutação poética dessa realidade, tendo em vista o alto nível de consciência crítica que preside o seu processo criativo. Processo, conforme ele mesmo afirma, que “comporta muito de invenção, de imprevisto, de indução autônoma acionada pela própria energia das palavras”³, pedras fundamentais para a construção das versões, derivações, reconversões da expressão oral africana a que se propõe em *Ondula, Savana Branca*, conforme explicita no subtítulo dado à obra, e para a realização das transversões poéticas das “falas do lugar” às quais está “atento, desde sempre”, dos “sinais” que confirma “no encontro da memória com a matriz”, dos “acazos” que “desmentem datas”, conforme observa em “*Aprendizagem do dizer festivo*”, texto metapoético com o qual inicia o livro *Hábito da Terra*, reiterando

² MACEDO, Jorge. *Literatura Angolana e Texto Literário*. Angola: União dos Escritores Angolanos, 1989, p.104.

³ CARVALHO, Ruy Duarte. *Encontro com Ruy Duarte de Carvalho*. In: LABAN, Michel. *Angola. Encontro com Escritores*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, vol. II, s/d, p.699.

através desse procedimento a forte tonalidade metalingüística da sua poésis, o que por sua vez só confirma a sua já referida consciência crítica.

Nesse sentido, vale registrar, para quem não conhece a obra *Hábito da Terra* que “*Aprendizagem do dizer festivo* se encontra incluído como subitem da primeira parte do livro, intitulada *Arte Poética*. Parte em que se pode perceber a coerência existente entre a concepção e a práxis poética de Ruy Duarte de Carvalho. Observe-se que os princípios expostos, no subitem citado, referentes ao tratamento que deve ser dado às palavras, à exploração dos seus sons, tendo em vista as imagens que “mandam, induzem, animam”, bem como à sua cadência rítmica são em seguida postos em prática, através de um original exercício de rigor formal.

Deixando entrever uma perspectiva cubista, o poeta gradativamente, norteado por um princípio de condensação poética, decompõe e recompõe o texto primeiro, estruturado em forma de prosa, recriando-o em forma de poema. A título de exemplos, vejamos como são recompostos, dentro do poema, os parágrafos finais do texto 1:

Texto 1.

Um texto é como um esforço de existir. A intenção de um lado, uma proposta vaga, uma moral herdada. Do outro lado o curso das palavras, a esteira do seu eco, os sons e os gestos seguidos uns aos outros, um som que pede um som e essa resposta é já um bolbo de emoção autônoma de força para florir madura, à revelia da intenção primeira.

Assim na vida, quero dizer, no texto. Uma questão de sons, de gestos repartidos, mas já numa cadência que depois está lá. A coerência a haver a comandar o ritmo e a garantir a forma. De que adianta iluminar-lhe o chão?

Poema:

*A intenção de um lado
uma proposta vaga
uma moral herdada.
Do outro lado
o curso das palavras
os sons
e os gestos
seguidos uns aos outros
um som
que obriga a um gesto
e gera um som liberto
que o confirma.
Um bolbo de emoção
autônomo de força para florir
à revelia da intenção primeira.*

.....

*Os tempos
do poema
são afinal parcelas
da cadência
de que se faz o corpo
do poema.*

*De que adianta
iluminar- lhe o chão?*

Consta ainda de *Arte Poética* o subitem intitulado “*Ca-
sos*”, em que, adotando procedimento semelhante de decompo-
sição e recomposição textual, o poeta mais uma vez revela seu
rigor formal: “forma, antes do mais /.../ digamos sem receio
que da palavra só conheço a forma, a construção, a face apare-
lhada palavra após palavra”.⁴

Não se trata, porém, do rigor parnasiano, da primazia da
forma pela forma, mas do rigor proveniente de uma consciência

⁴ _____ *Hábito da Terra*. Angola: União dos Escritores Angolanos, 1988, p.14.

⁵ _____ *Encontro com Ruy Duarte de Carvalho*. In: LABAN, Michel. *Op. Cit.*, p.705.

estética sabedora que “o próprio da poesia é a energia e que esta resulta da organização particular dada à palavra”.⁵ Ou seja, dos “efeitos, segundo Rifaterre, que as palavras, enquanto elementos de uma rede finita produzem umas sobre as outras”.⁶ Uma atitude, portanto, de “vigilância e lucidez no **fazer**, contrária ao **deixar-se fazer** do espontâneo e ao **saber fazer** do acadêmico”, como disse João Cabral de Melo Neto sobre o intelectualismo de Miró.⁷

À semelhança da primeira parte do livro, a segunda, intitulada *Provérbios e Citações*, apresenta a mesma perspectiva cubista de decomposição e recomposição.

Nela, Ruy Duarte, toma, por matriz geradora da sua criação poética, provérbios e citações, vinculados à tradição cultural dos povos do sul de Angola, para os quais está sempre a voltar-se, “enquanto poeta e enquanto reformulador, atualizador e divulgador das expressões orais”, conforme suas próprias palavras.⁸

Desestruturando e reestruturando os provérbios e citações, através de uma organização particular dada às palavras, o poeta com esse procedimento cria uma nova significância, redimensionando poeticamente a significação anteriormente veiculada pelos hipotextos. Ao mesmo tempo deixa entrever o caráter engenhoso e lúdico do seu fazer poético, resultante, sobretudo, das permutações operacionalizadas no texto.

A título de ilustração, vejamos como o poeta constrói suas transversões poéticas, tomando por base o seguinte provérbio dos Kwanyama:

Os duros trabalhos que lhe foram dados para fazer na ombala:

Vedar com uma linha um roubo num tanque varrer as macutas sem usar vassoura com a ajuda de um cesto transportar a água abater um boi servi-

⁶ RIFATERRE, Michael. *A ilusão referencial*. In: ____ et alii. *Literatura e Realidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1984, p.102.

⁷ MELO NETO, João Cabral de. In: *Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1982, p. 102.

⁸ Cf. *Encontro com Ruy Duarte de Carvalho*. In: LABAN, Michel. *Op. Cit.*, p. 76

do de agulha esfolar esse boi apenas com as mãos
derrubar um pau só com as próprias unhas secar a
farinha espalhando-a na água.

Observe-se que o primeiro verso do poema criado, “abater um boi com a ajuda de um cesto”, resulta de um processo de entrecruzamento dos fios textuais, efetivado a partir do deslocamento dos núcleos sintagmáticos dos seguintes enunciados do provérbio: “com a ajuda de um cesto transportar a água” e “abater um boi servido de agulha”. Processo que perpassará quase todo o poema, reforçando o sentido de dificuldade, de obstáculo, expresso pelo provérbio, e ao mesmo tempo imprimindo-lhe uma nova significância, na medida em que lhe acrescenta outros sentidos, advindos de um estranhamento cada vez mais crescente, causado não só pelo grau de concisão poética a que vão chegando os enunciados, como também pelo que contêm de impertinência predicativa, conforme se pode verificar nos versos abaixo, extraídos das estrofes finais do poema:

*“vedar a farinha
derrubar as unhas
esfolar as agulhas
abater os tanques
transportar os rombos
varrer as ajudas
secar os apenas
derrubar as linhas
derrubar as linhas
derrubar as linhas
derrubar as linhas.”*

Versos que, para além de reiterarem o já mencionado significado de dificuldade, de obstáculo, em decorrência da reorganização dada às palavras, expressam ainda um sentido de reação, de resistência, de superação. Sentidos que, ideologicamente, são respaldados pelo que se sabe do caráter insubmisso

dos povos do sudoeste. Fatores, portanto, de ordem ideo-estética, que nos induzem a ler, hermeneuticamente, “varrer as ajudas” como reação desses povos a determinadas intervenções políticas ou administrativas e a ler “secar os apenas” e “derrubar as linhas” como, respectivamente, disposição da parte deles de não se deixarem abater pelas restrições do meio e de ultrapassarem todos os limites. Vale salientar que esse sentido de superação total é apreendido pela repetição ternária do verso “derrubar as linhas”, na última estrofe do poema.

Registre-se que a repetição seja ela de versos ou sintagmas, constitui um outro recurso estilístico do qual muito se vale o poeta Ruy Duarte para realização dessas transversões poéticas. Ou mesmo, para a construção das versões, derivações e conversões, operacionalizadas em *Ondula, Savana Branca*, obra que “resulta, conforme nos diz o próprio poeta, do tratamento dispensado a vários testemunhos da expressão oral africana”⁹, motivado pelo desejo de redimensioná-los poeticamente e ao mesmo tempo contribuir para divulgação dessa modalidade do saber africano.

Mais uma vez, o poeta se sujeita a “vestir as velhas peles” ou seja, deixa-se envolver pelos valores ancestrais e, assim envolvido olha “à volta, atento ao que se passa”, concretizando em imagens poéticas a realidade circundante. Dado do qual se vale inúmeras vezes para ressaltar, através de metáforas diversas o valor da *Palavra*; quando utilizada com precisão, com maestria:

*“Não espanta o gado, a palavra
quando é boa
nem apodrece
quando exposta ao tempo...”*

Nyaneka, p. 32

⁹ CARVALHO, Ruy Duarte. *Ondula, Savana Branca*. Lisboa: Sá da Costa, 1982, p.3.

Ou ainda, o seu poder cosmogônico de fecundadora, de verbo que traz o germe da criação, de ato inicial. Palavra geradora e também transformadora, que como diz Bakhtin, “será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados”.¹⁰

*“Pai Palavra
Mãe Palavra
Palavra anterior
Vem e transforma já o meu futuro.”*

Bambara, 45

Palavra, enfim, como signo “presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação.”¹¹, portanto, em estreita correlação com o saber.

*“O princípio do princípio da palavra
foi quando o pássaro disse a si mesmo:
eu falo, sou a beleza, o som e o movimento
e a consciência exacta destes dons.”*

Bambara, p.41.

A importância da palavra, ressaltada por Ruy de Carvalho em suas derivações poéticas, além de sobressair o peso que tem no seu fazer estético, traduz o valor que esta tem dentro da cultura Bambara. Cultura da qual extrai o poeta material para construir as suas derivações.

Registre-se, a título de esclarecimento, que entre os bambaras “a totalidade dos conhecimentos místicos está contida

¹⁰ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem. Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. 2ª. ed. São Paulo: Hucitec, 1981, 41

¹¹ Idem. *Ibidem.*, p. 38.

¹² CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989, 679.

na simbologia dos vinte e dois primeiros números e o UM, a unicidade primeira, é o número do Senhor da Palavra e da própria Palavra".¹²

Acrescente-se ainda que, segundo informações trazidas pelo próprio poeta, nas páginas finais de *Ondula, Savana Branca*, na doutrina religiosa dos Bambaras, o "Ensino oral do Koré" que norteia a criação dos poemas relacionados com essa cultura, marca o "fim e a consumação do saber".¹³ Refere-se a um saber transmitido pelos anciãos acerca da natureza do divino e da própria divinização do homem".¹⁴ Dados, portanto, que não deixam dúvidas acerca da profunda relação existente, dentro da cultura bambara, entre PALAVRA, SABER e MISTICISMO.

Misticismo que nos poemas é reiterado tanto pelas repetições, sobretudo dos nomes referentes à divindade - *savana verde nova, ave surda-muda, fomalha* -, pelos deslocamentos e reorganização de palavras e frases ao longo dos textos, bem como pelos demais processos já apontados em *Hábito de Terra*, referentes ao entrecruzamento dos fios textuais, ao deslocamento dos núcleos sintagmáticos, enfim a uma constante reorganização dos elementos textuais. Procedimentos, portanto, que nos permitem ver como a partir de uma individuação poética, marcada por um fazer lúcido e lúdico, trabalha Ruy Duarte de Carvalho a relação Poética e Realidade. Em outras palavras, permitem-nos ver como o poeta-arquiteto trabalha a realidade pesquisada pelo antropólogo e conhecida do ex-regente agrícola.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN M. 1981. *Marxismo e Filosofia da Linguagem. Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. 2ª. ed. São Paulo: Hucitec.

¹³ CARVALHO, Ruy Duarte. *Ondula, Savana Branca*. Lisboa: Sá da Costa, 1982, p.85.

¹⁴ Idem. *Ibidem*.

- CARVALHO, R. 1988. *Hábito da Terra*. Angola: União dos Escritores Angolanos.
- _____. 1982. *Ondula, Savana Branca*. Lisboa: Sá da Costa.
- MELO NETO, J. C. de. 1982. *Notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por Samira Youssef Campedelli, Benjamin Abdala Jr.; seleção de textos por José Fulaneti de Nadai*. São Paulo: Abril Educação.
- RIAÚZOVA, Helena. 1986. *Dez anos de Literatura Angolana*. Angola: União dos Escritores Angolanos.
- LABAN, M. s/d. *Angola. Encontro com Escritores*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, vol. II.
- MACEDO, J. 1989. *Literatura Angolana e Texto Literário*. Angola: União dos Escritores Angolanos.
- RIFATERRE, Michael et alii. 1984. *Literatura e Realidade*. Lisboa : Dom Quixote.